As Estações de Dempsey Esmerald

e o Gato da Penumbra

PABLO SOARES

AS ESTAÇÕES DE DEMP ESMERALD

E O GATO DA PENUMBRA

partners coerência

Copyright © Grupo Editorial Coerência, 2022
Copyright © Pablo Soares, 2020

Todos os direitos desta edição reservados ao Grupo Editorial Coerência.
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida através de
qualquer meio existente sem a autorização prévia da editora.

DIREÇÃO EDITORIAL
Lilian Vaccaro

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Bianca Gulim

ASSISTÊNCIA EDITORIAL
Jadna Alana

PRODUÇÃO GRÁFICA
Giovanna Vaccaro

CAPA
Fábio Dantas

DIAGRAMAÇÃO
Michael Vasconcelos

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Soares, Pablo.
As estações de Demp Esmerald e o gato da penumbra / Pablo Soares. – 1ª edição – São Paulo: Coerência, 2022

ISBN: 978-65-89850-29-8

1. Ficção brasileira 2. Fantasia I. Título

CDD: 869.3

Grupo Editorial coerência

partners coerência

São Paulo
Rua Coronel Leme, 43
Centro | Bragança Paulista | SP
12.900-340
www.editoracoerencia.com.br

Dedico a mim e a meu coração sonhador e curioso, ao meu espelho, que por algum motivo revive as memórias estranhas da minha cabeça, aos livros, que me deram conhecidos, e ao doce céu, que observo tanto.

Antes desse ponto, tudo é como um sonho. Não entendemos, mas queremos entender; não amamos, mas queremos amar. Às vezes, não queremos ter pais, no entanto não sabemos que estes também não sabem ser pais.

Somos um mundo perfeito e intocado, como um cristal de diamantes, e esperamos que todos compreendam nossa delicadeza e fragilidade.

Então nós sujamos.

É como se não tivéssemos família, e estamos sozinhos, dando prova do nosso próprio caráter.

Bem-vindos à infância.

Sumário

Inverno

1. O gato preto/Demp Esmerald 11
2. Barreiras do senhor nevado 23
3. Ruas finas e largas 33
4. Um final de dia complicado 45
5. Pesadelos no pântano 55
6. Assombrações têm assombrações? 67

Primavera

7. O começo com perdão 81
8. Mentiras reveladas 91
9. Desculpas corretas 103
10. Um final de dia agradável 113
11. Respostas repugnantes 119
12. Lobinhos no luar prateado 129

Verão

13. Corvos ruidosos 145
14. Final de filme lindo 157
15. Conforme os vestidos 169
16. Canções e violões 177
17. Resfriado tempestuoso 187
18. Nas profundezas dos mares 197

Outono

19. Luar com Cris 211
20. Um fim de noite perfeito 223
21. Personificação fantasiada 233
22. A peça desastrosa 245
23. Cartas cinza 257
24. Reflexos maldosos 269

Inverno II

25. Sequestros na penumbra 285

Nota do autor 295
Poemas Descartados 297
Agradecimentos 325

Inverno

1

O gato preto/Demp Esmerald

Os novelos eram encontrados por toda parte. As estantes estavam cheias de linhas diferentes, prontas para serem utilizadas por qualquer um que quisesse aprender a arte da costura. Havia também algumas tesouras nas prateleiras e máquinas barulhentas encostadas na parede. O piso era coberto por um carpete rosa, as estantes, feitas de madeira negra do sul. As janelas de carvalho, tampando os ataques do sol de verão, tinham uma coloração avermelhada como papoulas.

As idosas que viviam naquele vagão, sem um horário de trabalho, dormiam nas poltronas. Ali criavam novos tapetes, cachecóis e até mesmo linhas para roupas inteiras, pois o tempo era livre e vasto.

O trem possuía várias atrações diferentes, no entanto aquela conseguia chamar mais atenção entre os turistas. A gerente Karen, com seus cabelos curtos e loiros, usando joias grandes sem vida, gabava-se bastante desse fato. Muitos dos que visitavam o lugar foram pelo motivo que encantava até mesmo aqueles que já viviam ali por décadas.

As linhas rebeldes que se recusavam a se transformar em carpetes, shorts e saias ficavam espalhadas no chão, tristes e solitárias, sem direção para seguir, mortas. Contudo, quando um número considerável se juntava no pé de uma estante qualquer, uma vida se formava.

Solidários e carentes, procuravam outros iguais, formando pequenos montes multicoloridos, criando uma pequena criatura arco-íris ao

se alinharem. Eram porcos de pelúcia, lulas, miniovelhas com pelagem colorida, dragões mágicos; animais vivos, porém sem coração e sangue.

Eles perambulavam pelo trem, ofuscando qualquer holofote. Karen era a única que não se admirava com aquele fenômeno mágico, sempre fingindo compaixão, mexendo as joias em desespero.

Os animais se esfregavam nas pernas e se acomodavam no colo das idosas e idosos que ali jaziam, deixando Karen com ódio no coração por ter sua atenção de gerente roubada.

Quem resistiria à tamanha fofura? Ninguém!

Em um dia chuvoso, com trovões caindo com brutalidade e gotas grandes da tempestade dando pancadas nas paredes, as idosas dormiam em suas camas. O vagão era dominado pelo silêncio, dando a deixa para a gerente Karen.

Karen mexia nas tesouras nas estantes, como que para cometer mais uma vez uns dos maiores crimes morais de toda sua vida. Via seu reflexo maldoso através da tesoura, passando de maneira psicopata a faca de dois gumes no cabelo loiro, pensando no que poderia fazer em sua salinha trancada...

Prestes a sair para seu cômodo privado, foi interrompida por um miado agudo e rouco. Vislumbrou algumas linhas negras se juntarem por cima do carpete rosa, unindo-se até formar um animal.

À sua frente um gato totalmente negro se formou!

Algo muito mais raro do que achar um tesouro no fim do arco-íris, protegido por um anãozinho irritante.

Suas linhas negras tremiam conforme andava em direção à saída ainda longínqua dali. Talvez se fosse um gato irritante colorido isso não afetaria sua maneira, porém esse não era o caso. A criatura à sua frente possuía pelagem preta e olhos de um verde profundo. Não era qualquer pelúcia viva do asilo. Era um milagre.

Ele agia de maneira indiferente a ela, ignorando-a por completo.

Karen correu atrás do felino, pronta para tirar uma foto e depois se vangloriar para seu pior inimigo: Ernesto Fundiguer, o dono da venda Loja de Brinquedos. Este roubava sua clientela desde o verão passado, com seus relógios falantes e bonecos que se mexiam. *Idiotas*, segundo Karen. Qual era a graça de ver um quebra-nozes andar?

Se apanhasse o gato e tirasse uma rápida fotografia, os turistas voltariam mais intensos ao seu aconchegante vagão. Seria o *marketing* perfeito para atrair mais pessoas.

No meio de sua corrida para pegar a pobre criatura, umas das portas se abriu, surgindo madame Charlotte Nora. Trajava vestes longas com tons pasteis, o cabelo amistoso e bem cuidado se exibia no topo da cabeça e uma única joia, a qual roubava todo o brilho das de Karen, pendia em seu pescoço.

Era um grande medalhão verde. Quadrado, com as bordas de ouro, fora esculpido com uma fenda negra no centro.

A maior fraqueza de Karen era seu jeito mesquinho; possuía inveja da madame, que sempre carregava ares formosos e rígidos. A aparição da mulher fez a gerente se distrair e deixar o animal fantástico sumir de vista.

Madame Nora era uma das mais antigas inquilinas do asilo, sempre se exibindo de maneira elegante com suas vestes leves e bonitas. Sua costura era perfeita e produzira muitas roupas pelo mundo; caras, porém fabulosas. Tinha um grande número de admiradores, muitos deles sendo do próprio trem. Quem precisava de gato quando se podia olhar para madame Nora?

Karen também possuía um outro motivo para odiá-la: as vestes de Karen sempre eram baratas e de pouca qualidade por causa de seu salário. Ainda assim, ela não podia expressar seu ódio. Boa parte da renda que vinha das visitas também era causada pelo charme *falso* de madame Nora.

— O que está fazendo? — questionou madame Nora com seu tom de superioridade.

Do lado oposto da porta carmim, um outro idoso apareceu; a roupa quadricular era igual aos óculos grandes e velhos. Robert se aproximou. Era o único que não *apreciava* madame Nora, mas isso por causa de sua velhice.

Ele preferia as jovens.

Robert se achegou, a mão enrugada apoiada ao ombro de Karen. Ela apenas fingiu simpatia com uma careta estranha.

— Não seja uma velha carrancuda. Está pior que o velho errático que fica só no sofá — retrucou ele.

Madame Nora com sua vaidade apenas o ignorou.

— Apenas encontrei um animalzinho adorável. Pena que estes não vivem muito fora do vagão em que nasceram. O mundo é perigoso do outro lado, e eu queria tirar uma foto com ele — respondeu Karen, forçando um sorriso.

Ela deu de ombros e Madame Nora fechou a porta com força. Karen em seguida jogou a mão do velho pervertido para trás, saindo aborrecida dali. Depois seguiu até sua salinha de gerente; a tesoura remexendo na mão perversa.

Já que a comissão dela não aumentaria, iria se divertir um pouco.

❄

O gato incrivelmente negro continuou indo na direção da porta de saída, sem ninguém para atrapalhá-lo em sua missão. Suas patas leves de novelos o ajudavam a não fazer barulho.

Acabou se deparando com uma porta vermelha, tendo uma ideia simples em seu cérebro felino.

Desmontou-se em pequenas linhas pretas novamente, deixando pequenos cristais verdes de lado no carpete rosa — os olhos. Houve um estalinho e o portal se arrombou, deixando a passagem livre para ele. Formando-se em silêncio em um gato de lã mais uma vez, passou para fora do asilo.

Em seguida, andou pelo saguão principal: o salão em que os quartos de quem se hospedava no trem ficavam. O formato era circular abobadado e havia portas enumeradas decorando o local. Passou pela multidão, que o ignorou. Eles estavam muito ocupados em suas vidas vazias. O gato continuou, desviando de pernas e passando por baixos delas, ainda sem perder sua natureza majestosa.

Pulou na beira de uma fonte, sem se desviar do seu objetivo final, e atravessou reto pelo seu reflexo.

Prosseguiu até uma porta que dava diretamente no chafariz, repetiu o processo para adentrar no quarto trancado, tornando-se linhas negrumes, e entrou em um cômodo feio. Era feito de madeira já velha, mais velha que o próprio trem, e havia um cheiro estranho de queimado por toda parte.

Deslizou pela camada fina de poeira, passando ao lado do pé bobo que balançava em cima da cama de ferro, e pulou na cômoda, fazendo um pouco de poeira cair no rosto do garoto que dormia.

Ele tossiu algumas vezes, mas sem acordar.

Fitou de forma misteriosa o garoto de cabelos castanhos que descansava na cama: sua aparência era de um menino de treze anos. O nariz era grande e engraçado. Sua perna atravessava a grade de ferro da cama. O único barulho que ainda existia no quarto era o som da chuva forte batendo na janela, e alguns trovões.

A capa que ficava pendurada do lado do guarda-roupa, farfalhando sem o sinal de qualquer ventania, era transparente, mas um pouco acinzentada.

O felino continuo imóvel, dando toda a sua atenção ao menino. Saltou da cômoda depois de um tempo, deitando-se sobre o peito do garoto.

Agora dormia em seu coração como um guarda leal. Ele era um felino-lã e havia cumprido o que tinha de fazer.

Ele já poderia partir...

❄

Demp acordou com um estrépito. A perna estava encaixada nas grades de ferro da cama, que batiam com muita força, fazendo-o cair no chão de tábuas sujas e feias. De cima, um par de pedrinhas verde-esmeraldas desceram, rolando junto com ele para o soalho.

Por algum motivo que desconhecia, seu peito estava doendo, porém o corpo todo estava em algum tipo de dormência. Teve dificuldade para se levantar.

Enquanto se tateava, percebeu uma camada fina de poeira que havia por toda parte do seu corpo, causando espirros frenéticos.

O cômodo era comum, e o chão, feito de tábuas de madeira podres havia demasiado tempo. Surpreendia-se que nenhum animal pulava de dentro daqueles vãos assustadores para atacá-lo. As paredes eram um pouco cinzentas e o peculiar cheiro de queimado incomodava seu nariz grande. A cômoda e o guarda-roupa eram os únicos móveis que ainda não estavam estragados pela velhice.

A cômoda estava nua, e o guarda-roupa, mofado.

Vislumbrou seu reflexo na porta do armário e percebeu o quanto seu nariz era comunal.

A única coisa que visualizou e avaliou como sendo interessante foi uma capa transparente acinzentada, depositada atrás dele, que farfalhava ao som da chuva como se dançasse pela tempestade.

— Tão bonita — comentou, percebendo que sua voz estava rouca.

Não deveria falar muito.

A capa não poderia ser considerada grande, alcançando a metade do joelho, todavia isso não o incomodou.

Decorando-a, pequenas estrelas brancas no rodapé a deixavam diferente de qualquer outra. Sem hesitar, vestiu-a. Sentia-se como um príncipe refugiado, fugindo do pai real que o obrigava a se tornar o próximo rei, correndo pela chuva, que dava socos em seu rosto e seu nariz comum.

Seu coração não batia pelo reino ou pela pretendente que seu pai o arrumara, mas por uma mulher da aldeia vizinha, camponesa simples, porém complicada de coração.

Agora estava rodopiando pelo quarto feio, que por alguns segundos virou um campo vasto, tendo algumas árvores de abetos de fundo. Mas aquele cheiro de incêndio sempre o trazia de volta como uma corda o segurando na realidade. Somente quando uma das suas piruetas o fez tropeçar em um vão das tábuas parou de tentar imaginar, caindo na cama; dura e nada confortável.

O corpo doeu com o baque.

Por alguns minutos, acreditou ser uma criança esperando sua mãe. Adorava imaginar, diferente dos adultos.

Existem crianças tão altas assim? Devo ser um adolescente. Ou um canário! Olhe o que posso ver: pequenas pedrinhas verdes! Será que são da cor dos meus olhos?, pensou ele.

Deitou-se sobre o cobertor e um estalinho desconhecido chamou sua atenção.

Ao lado da porta da saída, que ainda não ousara transpassar, uma mesa surgiu. Pequena e redonda. Nela havia um prato prateado com alguns biscoitos, que apanhou sem demora, faminto. E também um jornal cinza enrolado por uma fina tira cor de gelo.

Tirou a fita e enrolou em seu punho magro e esguio.

Ele saboreou um *cookie* e leu o periódico local.

Havia apenas uma pequena matéria:

"Reunião no salão principal

Todas as portas estão direcionadas ao mesmo local, a fim de dar notícias urgentes.

Sra. Demp Esmerald, informamos que o treinamento de honra só se iniciará depois do Natal, porém seus pertences serão levados para o local apropriado hoje durante a reunião. Qualquer porta que abra também o direcionará ao dormitório, no entanto somente ao fim do encontro emergencial."

Sra.?, pensou. *Eu não sou uma mulher! Que ultraje!*

Após depositar os biscoitos e o jornal, a mesa começou a rodar e sumir, imitando sua vinda intrometida.

Para ser sincero, Demp estava tão perdido quanto antes.

Quando abriu a porta, o som da chuva se tornou abafado e foi substituído por murmúrios e cochichos de preocupação, contudo isso não afetou o sentimento de gratidão por estar em um lugar tão chique.

À sua frente havia um vasto salão redondo com milhares de portas pintadas e desenhadas pelo melhor pintor. No teto, quatro candelabros dançavam no ar em volta da grande e magnífica estatueta de ouro. As águas vacilavam lá embaixo, cintilando em um chafariz no pé da escultura. Uma mulher enorme estava acorrentada à base da fonte, de mãos dadas a um feiticeiro, que apontava a varinha para o céu tempestuoso. No alto havia uma janela redonda revelando o tempo um pouco mais calmo ao lado de fora.

De vez em quando uma pessoa prateada passava, flutuando e atravessando o salão pela parede, a maioria trajando vestes medievais mortas.

Havia inúmeras fileiras de cadeiras brancas tornadas para o centro e no pé da estátua, uma plataforma de madeira com um átrio no tablado, feito para o que seria a *reunião*.

Salamandras travessas corriam por baixo dos bancos. Seu dono tentava apanhá-las usando sua varinha, enquanto mulheres assustadas corriam delas, com medo de cair do salto caro que calçavam.

Demp se acomodou na fila do meio, os olhos furtivos fitando cada um que passasse, dando várias brechas para sua imaginação fofoqueira. Era divertido criar motivos e histórias para cada um.

Diante de si, um velho gorducho remexia seu pano e limpava por várias vezes a testa suada. No outro lado uma mulher mexia o colarinho que usava e no extremo do salão alguém gritava para chamar atenção.

O espaço foi se enchendo, de forma que Demp não poderia parar o olhar somente em uma pessoa. Então se contentou em encarar a janela e ver a chuva se enfraquecendo conforme o vento a lavava.

Depois de dois minutos olhando a tempestade, Demp se virou.

Ao seu lado, uma garota alta se acomodou no assento. Ela tinha mechas claras, um nariz pequeno e fino, a pele branquela e usava um vestido um tanto curto; tinha colocado uma calça por baixo dele.

Estava sentada de maneira incomodada, mexendo e remexendo o cabelo longo, fazendo e desfazendo coques no rabo de cavalo de cor clara.

Demp não se sentiu desconfortável e estendeu a mão como um sinal de nova amizade.

Ele explodiria se não falasse com ninguém.

— Saudações. Sou Demp Esmerald. Este lugar não é maravilhoso? Até o formato das janelas me encanta. Ah, como se me convidasse para vislumbrar a chuva. Muitos olham para a janela, veem o temporal e se sentem tristes por perderem um piquenique, mas eu, não. Vejo e imagino como algo romântico. Não se pode negar que a chuva ajudou vários casais apaixonados. Duvido que se não tivessem molhados iam se lembrar e contar para seus filhos com tanta emoção! Ah, até essas serpentes com pernas são criaturas majestosas, de uma maneira diferente — disse de uma vez.

Logo no início de sua fala a menina já havia se quietado, ouvindo com prazer sua voz um pouco esganiçada.

— Estou vendo que não é daqui mesmo. Temos algo em comum. Sou Lucena Light, mas pode me chamar de Llu. Só estou há uma semana neste trem e já me sinto deslocada... — A última frase foi um gemido. — Me escrevi para a honra neste verão. Sei que você também se escreveu porque foi esse nome que li quando vi a lista. Como deve ser lá? — Llu perguntou, atiçando a imaginação de Demp.

— Deve ser como descreveram a você — disse uma garota do outro lado friamente.

Ela enxugava os cabelos grandes e estufados de cor preta. Seu tom de pele era ainda mais escuro. As vestes eram um tanto peculiares, com um cinto de caveira bizarro, no qual residia um cajado de madeira com pedaços de cristais na ponta.

Nos joelhos nus, dormia o livro intitulado *A história das bruxas*.

— E quem é você mesmo? — provocou Lucena, fitando com olhos brilhantes, desafiando-a.

— Kyrha Sabugueiro — respondeu, tirando toda a água do cabelo.

Demp queria questionar logo o que estava ocorrendo, todavia não teve essa brecha.

Os cochichos vizinhos sumiram sem explicação. Kyrha se ajeitou no banco, olhando fixamente para frente. Lucena mexeu no cabelo, nervosa novamente. Demp, sem entender, virou-se para ver.

No tablado uma figura gorda, com a cor perolada transparente, ergueu-se no apoio; às vezes as mangas longas atravessando o suporte. Suas vestes eram de grande valor, muito mais do que as de qualquer mero mortal ali sentado. Assentiu com a cabeça careca fantasmagórica e iniciou seu discurso.

— Primeiro agradeço por todos que vieram aqui nesta reunião de total emergência. E fico feliz por saber que a classe de honra deste ano se reuniu mais uma vez, apoiando e ajudando nosso querido trem.

Houveram gritos de comemoração, mas pararam logo.

— Sem mais enrolações — voltou a falar —, já estamos no início do inverno, e como tradição fizemos nosso festival neste maravilhoso salão ontem. — Seu rosto mostrava indícios de tristeza. Balançou as mangas e continuou, como se tentasse jogar toda a emoção ruim para fora: — Síria Look, uma mulher de trinta anos, não voltou para seu quarto de luxo após a festa. — Os cochichos nasceram novamente, mas morreram com apenas um resmungo do fantasma. — A família Look agora espalha panfletos com seu rosto angelical.

Demp fitou o pôster e se corrigiu em pensamento.

— Sabemos que ainda não está morta porque nenhum fantasma ou assombração surgiu no trem — continuou. — O único item encontrado foi seu colar de pérolas em sua cama. Desejo que todos mantenham os olhos abertos e tomem cuidado com as portas mágicas. — Ele suspirou e adicionou: — Por mais que ela tenha sumido, não temos certeza se é algo ruim...

— Oh — Demp soltou baixinho.

— Como medida preventiva contra qualquer maldição, desejo renovar o voto de sangue.

Uma bacia de pedra flutuou fantasmagoricamente, chegando à altura da testa da mulher estátua, passando de raspão por um dos candelabros. Muitos ali tiraram de suas vestes itens variados como agulhas, frascos, relógios, livros, ursinhos de pelúcia, entre outros; todos apontando para cima.

Demp estava tirando o relógio, achando que precisava sacrificar um objeto seu, mas a mão de Lucena o repreendeu.

— Somos novos demais para participar, Demp — sibilou. — Você não sabe? — soltou uma pergunta retórica.

O fantasma na plataforma dançava os dedos inquietos no suporte. Muitos dos adultos e idosos levantaram as mãos, segurando alguma coisa. Deles, saía uma espécie de líquido variado; a cor mudando conforme a pessoa. Um espectro.

Essa água mágica voava em direção à bacia, como uma grande cachoeirinha ao contrário, deixando Demp fascinado. As cores subiam, tornando-se um arco-íris, porém muitas das pessoas ali pareciam agir de forma indiferente com a face séria e triste.

Quando a maioria das pessoas já havia acabado e guardado seus objetos, a bacia deslizou mais uma vez na direção do fantasma, sumindo logo após encostar no suporte.

— Em caso de emergência, convocarei outra reunião. Desejo a todos um feliz Natal. E espero que Síria volte. Foi mais um adendo do que algo com que deveriam se preocupar — disse por fim.

Parecia ter uma alma magoada, pois era um pouco rabugento.

Quando o fantasma atravessou a estátua, as fileiras foram se dissolvendo. Lucena apanhou seu punho e convidou:

— Vamos juntos.

Ele agradeceu por dentro. Para onde mais iria? Como peixes que nadam junto ao cardume que sobe o riacho, Llu e Demp foram mergulhando entre as pessoas.

Vou perguntar a ela quando encontrarmos um lugar menos movimentado, pensou.

Enquanto a seguia, um pequeno grupo se acumulou, formando um círculo junto de um choramingo de desaprovação. Parecia que o trânsito tinha sido quebrado em um engarrafamento.

E Demp olhava fixamente para o acidente de carros.

No centro do círculo havia um tufo de cabelos pretos, molhados, tremendo de leve. Se ele se concentrasse podia ouvir seus gemidos de dor. À frente dele havia um garoto moreno alto com paletó chique arrumado, cabelos curtos e encaracolados.

Ele apontava a varinha para a menina com os olhos revelando desdém e sacou o graveto para dentro do bolso em seguida, xingando Kyrha baixinho; como se fosse tão natural quanto respirar.

Lucena se prontificou e correu na direção dela, batendo nos ombros da multidão curiosa.

— Bruxa nojenta. Não a ajude! — urrou ele, porém Lucena não fez questão de escutá-lo.

Demp a imitou e perfurou as pessoas sem piedade. Do lado de Kyrha, no chão, estava seu livro de capa azul. Ele o apanhou enquanto Lucena ajudava Kyrha a se erguer da humilhante cena que se seguira.

Quando se levantou, encarou seu adversário com ódio, a cabeça molhada por causa dos cachos. Por trás daqueles cabelos grossos e encharcados havia um rosto sofrido.

Demp sentiu empatia por ela. Agora entedia o porquê de ser tão grosseira, entretanto isso se dispersou mais rápido do que as fileiras brancas do salão.

Kyrha fugiu da mão de Lucena, dando um pequeno empurrão em seu peito, e voou na direção de uma porta qualquer. Demp tentou persegui-la pelo barulho de seu choro, mas Lucena o impediu.

O círculo já não era perceptível, pois as pessoas estavam misturadas, e o garoto que importunara Kyrha sumiu. Demp começou a ser arrastado pela maré.

Llu pegou seu braço.

— Ela não vai confiar na gente tão rápido, Demp. — Ela parecia tão apaziguadora que Demp começou a duvidar se Llu era realmente uma pessoa boa, engavetando esse assunto no fundo da sua mente. — Isso me lembra de um cachorro que queria adotar. Ele era da rua, muitas das pessoas que passavam o atacavam. Eu dei petisco a ele, porém o comeu e fugiu. Achei que era ingrato.

— Sei — ele murmurou.

— No dia seguinte, ele surgiu um pouco mais manso, e dei outro. Devagarinho, nos tornamos amigos, mesmo minha mãe não aceitando.

Enquanto caminhavam para longe, Demp pensou em Kyrha como uma pequena criatura amedrontada pelas mudanças e esperanças do mundo, não como um animal de rua.

Ficarei de olho em Lucena.

Demp queria poder saber o que fazer, mas que experiência tinha? Tudo acontecera tão rápido que sua mente ainda trabalhava para pensar...

O quê?

A multidão o sufocava.

Parecia que estar em um mar não era o que queria.

Demp era da terra.